

PROGRAMA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA REGIÃO DO ANGLO

PRESERVATION PROGRAM OF CULTURAL HERITAGE OF THE ANGLO REGION

Noris Mara Pacheco
Martin Leal¹
Carla Rodrigues
Gastaud²
Sarah Maggitti Silva³

¹ Professora Adjunta da
Universidade Federal de Pelotas.
Doutoranda em Memória
Social e Patrimônio Cultural na
Universidade Federal de Pelotas,
Pelotas. E mail:

norismara@gmail.com

² Professora Adjunta da
Universidade Federal de Pelotas.
Doutora em Educação pela
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Porto Alegre. E
mail: *crastaud@gmail.com*

³ Professora Assistente da
Universidade Federal de Pelotas.
Mestre em Memória Social
e Patrimônio Cultural pela
Universidade Federal de Pelotas,
Pelotas. E mail
sarahmaggitti@gmail.com

RESUMO

Este trabalho relata os resultados de um programa de extensão realizado nos bairros da Balsa e Navegantes que margeiam o canal São Gonçalo na periferia da cidade de Pelotas. O local esteve relacionado com a atividade charqueadora até o começo do século XX. Hoje, a área se caracteriza pela ocupação desregrada das margens do canal, da não regularização fundiária e pela ausência de políticas públicas. A população desses bairros é composta por ex-operários de indústrias das cercanias e por contingentes populacionais oriundos de outras regiões periféricas da cidade e do Estado. O objetivo do projeto é construir um inventário participativo dos bens culturais dessa comunidade a partir das narrativas e das histórias de vida. Pretende-se, também, instrumentalizar a população para a organização de um museu comunitário. Com esse, buscar-se-á elucidar a relação entre o espaço e a vida social da comunidade e avaliar como se constitui a significação do Bairro para os diferentes sujeitos sociais. Objetiva-se valorizar as histórias de vida e os testemunhos como documentos e meios de transmissão de conhecimentos, constituindo-se num importante elemento de posituação das identidades e construção de espaços memoriais. Assim, trabalha-se com a percepção da comunidade em relação ao seu direito à memória e com a valorização do seu patrimônio.

Palavras-Chave: Comunidade, Identidade, Patrimônio, Memória, Museu.

ABSTRACT

Este trabalho é o resultado das ações desenvolvidas pelo programa de extensão do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, intitulado "Preservação do Patrimônio Cultural da Região do Anglo". O programa exerce atividades com a comunidade vizinha ao campus Anglo desde 2009 e foi contemplado com recurso no Edital PROEXT-MEC, nos anos de 2012, 2013 e 2015.

Keywords: Community, Identity, Patrimony, Memory, Museum.

Os bairros da Balsa e Navegantes, onde se desenvolvem as atividades, estão em uma região periférica da cidade, às margens do canal São Gonçalo. Esse lugar é fortemente marcado pela ocupação histórica da cidade, relacionada à atividade charqueadora que caracterizou a economia local até o início do século XX. Ali se localizaram diversas Charqueadas, sendo que algumas destas sedes, ainda, permanecem como testemunhos arquitetônicos formando conjunto patrimonial de significativa importância para a cidade e para o Rio Grande do Sul.



Figura 1
Foto satélite da região da Balsa e parte do Navegantes
Fonte: Google, 2009.

Em 1917 se instalou, nessa região, um matadouro, que depois, em meados da década de 1920 foi comprado pela Grupo Vestey Brothers, para a instalação de uma unidade do Frigorífico Anglo. Entre as décadas de 1940 e 1960 esse frigorífico chegou a empregar cerca de 15.000 operários, funcionando como abatedouro até 1985 e fechando suas portas definitivamente em 1991. A urbanização desta região ocorreu a partir deste empreendimento. A área conhecida como Balsa foi sendo ocupada, a partir da década de 1940, pelos trabalhadores do frigorífico que ali firmaram residência. Essa forte inserção histórica no desenvolvimento econômico da cidade não foi acompanhada por políticas públicas. Assim, ocorreu uma ocupação desregrada das margens do canal e sem a devida regularização dos terrenos pela administração municipal.

A comunidade ali instalada é composta por operários egressos dos empreendimentos industriais das cercanias e, mais recentemente, por contingentes de pessoas oriundas de outras regiões da cidade e da região sul do Estado que ocupam desde as antigas casas dos trabalhadores do frigorífico, até palafitas em total situação de risco.

Hoje, com a instalação de um campus universitário na sua vizinhança, esta população vive um momento de impasse e preocupação com uma possível perda de espaço e de retirada desta população para outros lugares, o que faria com que perdessem a sua identidade e a história ligada ao local.

O objetivo do programa é desenvolver as atividades de três ações interligadas para preservar o patrimônio desta região, como também, promover a consciência de que através da preservação de sua memória e de seu patrimônio esta comunidade, esquecida pelo poder público, poderá lutar por sua melhoria social e econômica.

Primeira ação - Narrativas de histórias de vida desenvolvida com moradores indicados pela comunidade. Nessa ação, busca-se observar a problemática relação entre o espaço e a vida social, procurando saber como se constitui o sentido do Bairro entre os diferentes sujeitos sociais. O acesso aos depoentes se deu através das associações de moradores, organizações não governamentais e dos próprios depoentes, que se indicavam. Projetos dessa natureza já foram largamente experienciados em outros lugares e circunstâncias e, a título de exemplo, vale citar o trabalho realizado pela Secretaria Municipal de Cultura em Porto Alegre, na década de 1990. O trabalho de memória nos bairros faz com que se aborde o morador como sujeito, por meio do qual se pode apreender representações de múltiplos, heterogêneos e complexos universos. Os moradores se transformam, através de suas narrativas, os porta vozes da história e identidade da comunidade.

No caso particular desses dois bairros, a demolição dos grandes conjuntos fabris e a instalação de um campus universitário coloca a questão de novas fraturas identitárias e a problemática reconstrução pessoal. Assim, a valorização das histórias de vida e testemunhos pode vir a se constituir num importante elemento de posituação das identidades e construção de espaços memoriais

Segunda ação - Inventário Participativo, no qual a comunidade foi chamada a discutir e se pronunciar, a partir do seu ponto de vista, em relação aos seus bens materiais e imateriais. Houve a necessidade de entender como as comunidades se relacionam com seus bens e o que lhe é conhecido enquanto um bem cultural. O inventário faz a comunidade perceber a importância destes bens como elementos que lhes identificam socialmente. Por isso, é importante o trabalho de inventariar esses bens com a participação efetiva da comunidade. O inventário também é uma forma de descrição detalhada e permanente para conhecimento de todos, que resulta em levar a comunidade a se ver enquanto grupo, a perceber que possui um patrimônio, material e imaterial, que a identifica, e que a faz saber constituída de pessoas possuidoras de memórias e de talentos, capazes de construir alternativas de crescimento e desenvolvimento social.

Terceira ação- Museu Comunitário, essa é uma ação futura que depende do resultado das duas ações anteriores. Nessa, buscar-se-á impulsionar a expressão da diversidade, fomentando a iniciativa da produção cultural e a reflexão sobre a realidade específica de cada comunidade. Neste momento, não mais dependerá da ação da universidade e, sim, terá a possibilidade de se responsabilizar pela condução e a salvaguarda de sua memória. O Museu poderá ser um espaço de reflexão e de transformação social, no qual a comunidade não mais se expressará através do olhar do outro, mas sim a partir das experiências próprias em busca da transformação social.

Como metodologia, foi realizado um mapeamento da comunidade, por meio de alunos da universidade que moravam na região e participavam do projeto. Identificaram-se os narradores mais significativos da comunidade e cruzaram-se os dados obtidos com a Associação de moradores do bairro. A partir das primeiras entrevistas, os entrevistados passaram a ser parceiros do projeto e indicaram outros depoentes. A partir desse momento a abordagem deu-se diretamente com os sujeitos identificados, utilizando-se a metodologia da História de Vida como forma de apreensão e organização dos depoimentos orais.

Ao se falar de histórias de vida estamos evocando a experiência vivida, traduzida

aqui como memórias individuais, mas necessariamente vinculadas a um contexto social. No seu depoimento, o sujeito nos mostra a forma como traduz e interpreta a realidade.

A história de vida tem possibilitado um avanço significativo, na análise da experiência histórica, através da introdução de temas fundamentais como: o mundo dos trabalhadores, as questões de gênero, a construção de identidade étnicas, dentre outros.

A busca e registro por testemunhos orais traz ao domínio do conhecimento acadêmico as vozes dos meios populares. Desta forma, a entrevista joga um papel importante na produção dessas fontes orais, levando-se em conta a questão da interação pesquisador-pesquisado. Trata-se de encontros de subjetividades que reconhece que a memória não é uma recriação perfeita do passado, mas uma reconstrução sempre problemática do mesmo. Também é reconstrução a forma de interpretar os dados advindos dessas fontes orais.

Assim como para as histórias de vida, a metodologia que vem sendo utilizada no inventário participativo tem sido a história oral, em conjunto com os pressupostos da educação para o patrimônio. Na medida que se busca, junto à comunidade, a formação de um grupo, no qual os seus integrantes são instigados a usar a oralidade como forma de expressão, permite-se estabelecer e reconhecer parâmetros para a construção da listagem de bens. Através da história oral, tem-se uma multiplicidade e uma diversidade de olhares e de interpretações acerca do passado que proporciona uma relação direta com o presente e com o futuro que se quer construir.

Os encontros têm proporcionado melhor visualização desses sujeitos que começam a exercer sua cidadania, na medida que passam a reconhecer a importância de ter e de transmitir informações em relação aos seus bens culturais. Alguns destes encontros ocorreram no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS- São Gonçalo, com os grupos de terceira idade. Na primeira etapa foram realizados encontros denominados de "bate papo cultural", com o grupo misto da terceira idade, autodenominado "Amigos para Sempre". No grupo, os integrantes eram convidados a relatar a sua vida no bairro, e já indicavam aquilo que consideravam importante na região. Esta conversa em grupo acontecia sempre na primeira segunda feira de cada mês. Em seguida, foram realizados encontros com um grupo de mulheres da terceira idade, autodenominado de "Amigos de Fé", que aconteciam de quinze em quinze dias, nas quintas feira. Nesse momento, optou-se por gravar as entrevistas individualmente.



Figura 2
Grupo "Amigos para Sempre" junto com extensionistas do Programa.
Fonte: Acervo PPCRA



Figura 3
Grupo "Amigos de Fé" com extensionistas do programa
Fonte: Acervo PPCRA

Como forma de conagração entre os universitários e a comunidade, foi realizado, com os dois grupos, aquilo que denominamos de café comunitário.



Figura 4
Café Grupo Amigos
para Sempre
Fonte: Acervo
PPCRA

Do trabalho com os dois grupos, foram organizados três vídeos que registram as visões dessas pessoas sobre o bairro, aspectos que marcaram as suas vidas enquanto moradores da região, a transformação do lugar ao longo do tempo e aquilo que os faz permanecer nesta região. O primeiro, denominado "Amigos para sempre", é baseado nas memórias do grupo de mesmo nome. O segundo vídeo, "Água ao Redor", mostra a forte relação desta comunidade com a água, não só enquanto moradores das margens do canal, mas sim como elemento e fator de sobrevivência por causa do constante problema de enchentes e alagamentos. Por fim, o terceiro, intitulado "Navegantes, bairro de muitas histórias" exhibe a fala das participantes do grupo "Amigos de fé" que fazem um relato de suas vidas como mulheres e suas lutas cotidianas pela sobrevivência. O que sintetiza os relatos desses grupos é que estar na região é o mais importante, tal como diz D. Terezinha:

Eu nunca desisti da minha vida, batalhando sempre, não tinha água, não tinha luz, não tinha nada, mas era uma boa vida que nós tínhamos. Eu trabalhei, me aposentei e estou aqui, não desisto.¹

O distanciamento no tempo, do período de ocupação da região, reforça a convicção de que apesar das dificuldades valeu a pena: criaram filhos, netos, trabalharam e estão para contando as suas memórias é o sinal de que venceram. As agruras da vida são contadas como algo que foi vencido e os problemas, como a violência da região, raramente são falados.

Ainda, a respeito das histórias de vida, os depoimentos foram reunidos em um banco de dados que dará conhecimento sobre a região para a própria comunidade, em especial, para aqueles que não viveram os momentos de conquista do espaço. Será um arquivo para divulgação destas memórias. Além dos vídeos foram produzidos dois livros: O primeiro, com extratos das entrevistas e denominado "Narrativas e Imagens - Histórias de Vida da Região do Anglo", contém o relato de treze moradores da Balsa e Navegantes. Todos são

líderes comunitários, praticantes de diferentes religiões, pescadores e ex-trabalhadores das indústrias que ali existiram. A partir de sua experiência individual, cada um destes entrevistados vai costurando a realidade desta comunidade, formando um panorama daquilo que eles querem mostrar para os outros.

O segundo livro é o resultado das duas ações, inventário participativo e histórias de vida. Por meio das entrevistas foram mapeados oito temas iniciais que são importantes para a comunidade: Pesca, Água, Moradia, Paisagem, Religião, Indústria, Cotidiano e Lazer. Com esses temas, foram convidados oito fotógrafos para registrar, a partir de seu olhar, cada um dos temas. O resultado deste trabalho foi editado em formato de catálogo com o nome "A Comunidade do Anglo: Olhares Diversos de um Cotidiano". Diversos por serem vários fotógrafos, mas também por serem olhares diferentes do olhar da comunidade sobre aquilo que ela considera patrimônio.



Figura 5
Registro da atividade
de pesca.
Fonte: Foto de Paulo
Rossi, 2015.



Figura 6

Registro da atividade de lazer.

Fonte - Foto de Moizes Vasconcelos, 2015.

Com os jovens da comunidade foi realizado um trabalho de educação para o patrimônio, no qual se priorizou a forma lúdica de sensibilização. Foi oferecida uma oficina de Pinhole, denominada "Foto na Lata", foi concebida a partir do resultado de uma oficina de formação ministrada aos alunos/bolsistas, do Programa de Preservação do Patrimônio Cultural da Região do Anglo, no qual foi proposto ao grupo que fosse realizada uma visita à Balsa, e ali deveria ser feito o registro fotográfico daquilo que cada um considerasse importante como patrimônio cultural. O resultado foi impressionante pela beleza das imagens captadas e pela sensibilidade dos fotógrafos que na sua maioria estavam conhecendo o lugar. Sendo assim, nos questionamos, se estes que não conheciam a região mostravam imagens tão lindas, o que nos mostrariam as pessoas que ali residem. Com a parceria da CUFA (Central Única das Favelas) escolhemos trabalhar com jovens de 09 a 12 anos e foram 11 participantes de um de seus projetos o CAPOCUFA. As suas fotos em preto e branco nos mostraram a singularidade das cores de um lugar que lhes pertence e que está escondido nos recantos da memória da cidade.



Figura 7
Margens do São
Gonçalo - Foto com
Pinhole
Fonte: Acervo
PPPCRA

Desta atividade houve outros desdobramentos, primeiro uma oficina de produção de texto, na qual parte dos participantes da primeira atividade foram estimulados a escrever o que achavam do seu bairro. Assim, estes textos compuseram, com as fotos realizadas, um catálogo e uma exposição itinerante que foi levada para diferentes lugares da UFPel e do bairro Navegantes, onde os adolescentes estudam e moram. O catálogo "Aqui é lugar de gente boa: o patrimônio visto através de uma lata" recebeu este nome por causa da vontade de um dos participantes, pois durante a oficina de produção textual perguntamos a eles o que gostaria que um museu instalado na região mostrasse de seu bairro e a resposta foi curta e simples: "que aqui é lugar de gente boa". Este depoimento repete-se nos textos de outros adolescentes, deixando explícita a vontade de mostrar para o resto da cidade que além do que aparece nas páginas dos jornais, da violência cotidiana, ali naquela região moram pessoas que trabalham, estudam e lutam por uma vida melhor como em todos os outros lugares.



Figura 7
Exposição no CRAS
São Gonçalo
Fonte: Acervo
PPCRA

Assim, este projeto que é realizado, na região do Campus Anglo, por alunos principalmente, do Bacharelado em Museologia e com a participação de outros cursos, como História, Antropologia, Sociologia, Design Gráfico, Cinema e Geografia, vem cumprindo uma importante função que é a de não somente aperfeiçoar estes graduandos na área técnica, mas também, aperfeiçoar os seus conhecimentos de sala de aula, nas disciplinas teóricas da Museologia, e de outras ciências humanas e, principalmente, desenvolver a sua atuação cidadã, buscando melhorar as condições de vida da sociedade em que estão inseridos. E, mais ainda, este projeto tem buscado constantemente incentivar a apropriação consciente do patrimônio cultural por parte do grupo de moradores, construindo e reconhecendo a possibilidade de organização, fortalecendo o espírito de pertencimento e a criatividade de seus integrantes para que estes venham a participar e interferir na sua própria história, transformando-a, através dos instrumentos necessários, na direção de um futuro melhor.

NOTAS

¹ Depoimento gravado pela Prof Sarah Maggitti, colaboradora do PPCRA, durante as rodas de conversa com o Grupo Amigos para sempre, em 2014.